

“MANDE NOTÍCIAS LITERÁRIAS PARA MIM”: ENTRE CARTAS, POESIA E REVISTA, LÊDO ESCREVE PARA DOMINGOS

LAÍSE RIBAS BASTOS *

RESUMO

O presente artigo apresenta uma leitura da correspondência trocada entre os poetas e editores Lêdo Ivo e Domingos Carvalho da Silva durante as décadas de 1940 e 1950. Tal leitura é cruzada com depoimentos do poeta e editor de *Orfeu*, Lêdo Ivo, à *Revista Brasileira de Poesia*, editada por Domingos, bem como com aspectos da própria poesia de Lêdo Ivo – um diálogo entre a produção poética de 1945 e os periódicos em questão. Evidencia-se, assim, uma possível perspectiva poética e editorial defendida por Lêdo Ivo – perspectiva que desestabiliza, revela paradoxos e salienta alguns pressupostos da chamada “geração de 45” no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Correspondência; Lêdo Ivo; Domingos Carvalho da Silva.

Dar vida e movimento a um arquivo é a tarefa principal de um gesto que, algumas vezes, se aproxima a um “espiar pelo buraco da fechadura”, invadir a intimidade (ainda que literária) de alguém, ou, simplesmente, ouvir a conversa alheia. Mas essa escuta não é gratuita, e espiar o buraco da fechadura não é redutor. Ao contrário, parece, nesse caso, funcionar como uma lente de aumento, por meio da qual um universo de vida e de literatura se descortina para o leitor. O nome de Lêdo Ivo é um dos destaques entre tantos missivistas que ocuparam o poeta e editor Domingos Carvalho da Silva¹.

* Professora de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: laisebastos@letras.ufrj.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5550-7499>.

1 São, ao todo, 47 cartas de Lêdo Ivo para Domingos Carvalho da Silva. A correspondência passiva de Domingos faz parte do arquivo particular de Antonio Fábio Carvalho da Silva (filho de Domingos). Já a correspondência ativa de Domingos e Lêdo Ivo (21 cartas) foi acessada a partir do arquivo do próprio Lêdo, depositado no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro.

A conversa se dá entre Lêdo e Domingos, e se realiza também, *a posteriori*, entre cada um deles e o leitor – ou seja, um leitor desdobrado também em interlocutor. Assim, este trabalho se propõe a escutar essa conversa atentamente, tomando aqui a mais generosa e potente acepção de escuta, como sugere Jean-Luc Nancy: estar à escuta é também um gesto ambíguo, determinado especialmente pelo caráter de quem se propõe ceder, em alguma medida, e “escutar atentamente”, com uma “tensão, uma intenção e uma atenção” (Nancy, 2013, p. 162).

A conversa aberta a partir da missiva desfia espaços, nomes e contextos comuns aos dois amigos. Se uma primeira surpresa havia se esboçado pelo número de cartas expressivo de uma possível amizade, a segunda surpresa migra do universo pessoal ao editorial e literário, não menos afetivo do que o primeiro, como veremos. *Orfeu*, revista da qual Lêdo Ivo era importante voz ativa do conselho editorial, entre 1947 e 1953, revelou-se um elemento fundamental na vida literária que emerge das cartas, pois, se Domingos estava à frente da *Revista Brasileira de Poesia* em São Paulo, Lêdo articulava a *Orfeu* no Rio de Janeiro – ambos muito preocupados com o legado da polêmica geração de 45, mas nem sempre em sintonia acerca da operacionalização literária. Exemplo disso é o fato de Lêdo defender a ideia de grupo, em contrapartida à *Revista Brasileira de Poesia*, que, nos termos de Domingos, logo que surgiu, seria uma revista “sem grupo nem geração”². Estender, portanto, atentamente os ouvidos para as cartas e para os nove números da revista *Orfeu*, levou, imediatamente, à constituição de um outro arquivo para Lêdo Ivo – o da poesia em alguma medida atenta ao tempo, de onde decorre, também, a amplitude da noção de poema.

Um primeiro momento a ser destacado das palavras de Lêdo Ivo para Domingos Carvalho da Silva está em uma carta de 4 de dezembro de 1947, quando Lêdo rebate um artigo de Domingos sobre depoimento concedido no mesmo ano ao número 12 da revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan, na cidade de Curitiba. No entanto, não é possível saber se Domingos teria enviado carta antes disso para Lêdo Ivo, pois a

2 A intriga teria sido feita em 1948, por Fernando Ferreira de Loanda. Diz Domingos: “Quando tiver oportunidade, desfaça a intriga Loandesca de que a R.B.P. é do grupo de S. Paulo etc. A nossa Revista não tem grupo nem geração; é de todo o mundo e especialmente da turma do Rio que nos honrar mandando poemas e artigos. Vamos brevemente reorganizar o conselho deliberativo, incluindo nomes do Rio e de Minas.” [1948].

carta escrita por Lêdo Ivo é de 1947; as correspondências de Domingos Carvalho da Silva para Lêdo Ivo depositadas no Instituto Moreira Sales datam de 1948 em diante.

Diz Lêdo para Domingos:

Acho que tanto o verso livre como o metro tradicional são meios de comunicação poética. Ao poeta moderno, cabe explorar os dois, e extrair do último suas infinitas possibilidades (rimas ocultas, aliteraões etc.). Acho que isso só pode enriquecer determinada poesia. E acho também que só não exerce o verso metrificado quem realiza sua poesia apenas com o primeiro material aludido. Sou de opinião de que o artifício conta muito em poesia. Pessoalmente, eu poderia falar mais sobre o assunto, que estabelece apenas meu ponto de vista pessoal sobre o assunto. E nisso é que está a diversidade, que faz uma geração. (Ivo, 1947)³.

Lêdo refere-se, muito possivelmente, a este recorte, feito por Domingos Carvalho da Silva, na seção “Arquivo” do primeiro número da *Revista Brasileira de Poesia*, publicado em 1947:

A interessante revista “Joaquim”, de Curitiba, dirigida pelo sr. Dalton Trevisan, publicou, no seu número referente a setembro do corrente ano, um “Depoimento” do sr. Ledo Ivo que, interrogado sobre a possibilidade de a poesia se aproximar novamente das formas fixas e do verso metrificado, respondeu:

... creio que mesmo utilizando as normas riquíssimas da poesia tradicional, fazendo sonetos, baladas, elegias, epigramas, redondilhas, odes e até epitáfios, as jovens poesias escolhem o melhor caminho. O verso livre já está completamente estratificado; de livre só tem o nome. E quando verdadeiramente livre, não é verso... Ora, a melhor maneira de resolver esse dilema – em um momento em que Aragon chegou a inventar uma arte poética mais complicada do que o parnasianismo, e

3 Para a transcrição desta e das demais cartas citadas será utilizada a atual ortografia da língua portuguesa.

escravizada aos encantos musicais da rima e do metro – é usar os dois.
[...]

A oposição contra a rima e a métrica é feita geralmente pelas poesias que não sabem rimar nem metrificar; ora, cada arte tem suas regras, e não é aceitável que essa negação seja feita por poetas que ignoram ou são incapazes de exercer uma norma inseparável da própria noção de poesia. Em minha opinião pessoal, a rima, a métrica, assim como o verso livre, são os veículos normais e formais dos poetas mais novos, que devem estudar atenta e vigilantemente as inúmeras riquezas que esses elementos podem suscitar. Com isso, eles não deixarão de pertencer à sua época, ao seu tempo, pois este se reflete e se refletirá em suas produções.

Quero lembrar ainda o argumento de T.S. Eliot, lembrando que a missão do poeta é zelar pelo idioma do seu país. Em verdade, a poesia muito possui de gramática. (Revista Brasileira de Poesia; Ivo, 1947, p. 76).

Por um lado, o recorte feito para a *Revista Brasileira de Poesia* vai ao encontro do que investiga Vagner Camilo, em *A modernidade entre tapumes* – importante estudo para uma compreensão mais ampla e sistematizada do período. No estudo, Camilo ocupa-se do que denomina “inflexão neoclássica” na poesia moderna brasileira, que, em linhas gerais, teria duas orientações: a dos modernistas conversos/modernos classicizados (Drummond, Murilo Mendes.... poetas de algum modo vinculados à poesia de 1922); e a dos poetas de 45 (poetas cujas primeiras publicações de poesia começam a surgir a partir da década de 1940).

A possível e temida relação entre o retorno às formas clássicas e a necessidade de restauração de certa ordem e disciplina na poesia com a possível afirmação identitária nacional (Camilo, 2020, p. 118) é um dos direcionamentos que o final do depoimento de Lêdo Ivo poderia sugerir. Além disso, é também um dos problemas amplamente discutidos em mais de um momento por Camilo, especialmente a partir da tradição literária latino-americana do pós-guerra e dos poetas pós-45 no Brasil.

Por outro lado, e talvez mais coerente com sua própria poética, ao afirmar “que tanto o verso livre como o metro tradicional são meios de comunicação poética”, lembrar seu “ponto de vista pessoal sobre o assunto” e que “nisso reside

a diversidade”, a defesa de Lêdo Ivo por certa noção de liberdade poética (*ainda que* – ou *justamente por* – estar pensando na aclamada ideia de “geração”) desfaz, de certo modo, o pressuposto de que a poesia pós-45 teria pouco “potencial contestatório e força renovadora” (Camilo, 2020, p. 247) como destaca ainda Vagner Camilo em capítulo dedicado à recepção crítica de T.S. Eliot, sobretudo à recepção do ensaio “Tradição e talento individual”, no Brasil, durante a década de 1940. Tudo isso nos indica como, para Lêdo, de fato, existe uma noção de poética em processo: da entrevista em *Joaquim* ao recorte da *Revista Brasileira de Poesia* e, então, à carta, vemos um pensamento sobre a poesia que se forja mesmo nas dúvidas e contradições característicos do próprio fazer poético.

“Acredita que a poesia se aproxime das formas fixas, do verso metrificado?” é a segunda pergunta que compõe o depoimento de Lêdo Ivo ao referido n. 12 da revista *Joaquim*, a qual ele inicia respondendo: “Esse problema é demasiadamente complexo para ser exposto aqui”. Nota-se, portanto, como o recorte feito para a *Revista Brasileira de Poesia* altera significativamente o tom da resposta de Lêdo, de onde compreende-se a reprimenda feita em carta ao amigo. Estendendo ainda o pensamento para a própria poesia de Lêdo, lembramos o poema “Minha Pátria”, quase uma resposta à última frase recortada para a revista de Domingos (“a missão do poeta é zelar pelo idioma de seu país”). O primeiro verso de “Minha Pátria” reelabora T. S. Eliot e o próprio pensamento de Lêdo: “Minha pátria não é a língua portuguesa / Nenhuma língua é pátria”, para, na sequência, decompor a ideia de pátria em imagens que se desdobram do mangue para a cidade, do mar para o porto, e terminar com “minha pátria sem língua e sem palavras” (Ivo, 2004, p. 1028).

A propósito do percurso aberto com a poesia, na edição n. 2 de *Orfeu*, de 1948, o leitor é surpreendido com o poema “Investida”, de Lêdo Ivo:

Investida

Teu argumento, moça, faz com que eu abandone os livros,
o corpo a corpo com a sabedoria, e saia contigo pelo sítio
aprendendo a linguagem da chuva, a passarinhagem irresponsável e o
[travo selvagem das frutas.

Teu braço me mostra o vento nas goiabeiras – as melhores rimas
e teu olhar descobre definitivamente o farol que em plena manhã
se recomenda à gratidão dos arrecifes, das canoas, dos penhascos e das
[proas.

Estou contigo. Nem Homero me levará mais
para a libertinagem da imortalidade. Aqui os clássicos se dissolvem
nos papagaios que as crianças soltaram no céu para lutar com os
[albatrozes.

Sei agora, moça, que meus pés nus na areia
estão pisando o chão da Descoberta.
Já não preciso de versos para saber que estou vivo.

Estou caminhando entre árvores sem nenhum compromisso.
(Ivo, 1948, p. 12)

O poema destaca-se na revista por ser o único com essa disposição de versos livres divulgados naquela edição. O trabalho com o verso livre evidencia-se ainda mais por ocasião da publicação em livro, quando os versos foram ainda mais alongados e, conseqüentemente, reduzidos em número, e o mesmo poema publicado, dezoito anos depois, no livro *Cântico*, de 1966. No entanto, embora *Orfeu* não explicitasse nenhum requisito para publicação de poesia (exceto a exigência de a poesia veiculada ser assinada pelos “jovens”/“novos” poetas), as escolhas dos poemas publicados permitem entrever a predileção e algum comprometimento com a forma fixa (vide o expressivo número de odes, elegias, sobretudo, sonetos, que circularam nas páginas da revista).

Uma carta em especial, de 2 de setembro de 1948, chama mais atenção, não só pelo teor da conversa, como, também, pela extensão (e, sob esses dois aspectos, a carta mais densa, literariamente, do conjunto de missivas enviadas por Lêdo a Domingos). Nela, Lêdo Ivo enfatiza:

Acho que nós, os de agora, temos a sensação comum de que aparecemos tarde. É fundamental que inventemos alguma coisa, a fim de que não sejamos apenas os continuadores do modernismo, mas os criadores de uma nova maneira, mesmo porque a nossa sensibilidade, se bem enriquecida por lições anteriores, é diferente. Nesse sentido, louvo o soneto, que é reação e está provocando a indignação dos modernistas. Louvo-o porque sinto que é na ordem e na disciplina que encontramos as mais inventivas liberdades e licenças. Ao mesmo tempo, advogo uma poesia que esteja sempre próxima da vida, das fontes onde se faz a vida e o tempo. [...] Tolero que a poesia seja interessada, e chamo de interessada não só a poesia política, panfletária como também a poesia católica tipo Claudel ou Murilo Mendes. Poesia para mim se amolda na observação crociana de ser uma conversa humana. Para Deus, o homem tem a oração, assim como o panfleto tem sua destinação natural na crônica política ou no artigo de jornal. (Ivo, 1948).

Importante retornar ao “compromisso” do verso final do poema “Investida”, de Lêdo Ivo. Na versão publicada em *Orfeu*, o último verso aparece deslocado do restante do poema. Lido com a missiva, o compromisso configura-se fortemente como está no verso: “nenhum”, pois está todo na investidura poética, e, ainda, além da própria poesia, como um risco, assumido na tentativa de equilibrar certa liberdade própria de um gesto inicial da escrita e a disciplina de uma tradição clássica (muitas vezes expressa na forma fixa, como o soneto). Isto é, comprometimento com o próprio fazer da poesia, seu empenho e labor, e mesmo com os temas universais (abordados por Vagner Camilo) que muitas vezes, nos poemas, passam pelo filtro singular dos acontecimentos da vida e da forma poética – inclusive quando o verso é livre, ou quando beira a prosa e presentifica um vagar, uma cadência outra para a poesia (atentar para o fato de que, na edição original, o verso do poema “Investida” já transbordava graficamente da página da revista). Trata-se de um desafio entre os laços tecidos com a tradição e o entendimento da sensibilidade poética como expressão de seu tempo – sensibilidade à qual João Cabral de Melo Neto dedicará especial atenção, por exemplo, na década de 1950, em uma série de artigos publicados

no *Diário carioca*, em 1952, agrupados sob o título de “A geração de 45”, bem como, em conferência de 1954, “Da função moderna da poesia”⁴.

Como vemos, a liberdade advogada por Lêdo Ivo não prescinde do rigor e da preocupação em encontrar modos de conectar as imagens da poesia com o seu próprio tempo – isto é, encontrar seus modos de singularização. Na mesma carta de 1948, ainda que de modo jocoso e descontraído, Lêdo comenta brevemente a publicação de poemas de Péricles Eugênio da Silva Ramos, sobretudo, a necessidade de explorar a imagem visual no poema, ciente de que a atualidade poética não reside necessariamente no significado evocado do significante:

Metros, vocabulário, volume e atmosfera dos poemas me parecem desligados do tempo, afastados como se viessem de fontes distantes. Peço-lhe que ponha um avião no próximo poema, apesar de saber que não é a palavra, como valor de imagem, que faz a modernidade do poeta. (Ivo, 1948).

Quer dizer, para o poeta, parece existir uma temporalidade primordial, de onde podem brotar aqueles tão citados temas universais – mas, principalmente, há uma temporalidade moderna, fonte de impermanência, como também se vê no primeiro verso do poema “Finisterra”: “Ando na multidão e o meu nome é ninguém” (2004, p. 584); bem como no poema “Privilégio”: “Sou um homem que está caminhando / rodeado por todas as estações da terra” (2004, p. 785), por exemplo. A iconografia também aponta para esta instabilidade: a conhecida imagem de Lêdo Ivo solto, sentado e flutuando quando içado sobre o mar é também um risco⁵.

Ainda na carta de 2 de setembro de 1948 (e entende-se porque se trata de uma carta especialmente singular), a preocupação do poeta se estende a de editor, e, aos

4 Para ambas as referências de João Cabral de Melo Neto mencionadas, ver MELO NETO, J.C. *Poesia completa e prosa*. Organização de Antonio Carlos Secchin. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

5 A imagem, reproduzida na contracapa do livro *E agora adeus: correspondência para Lêdo Ivo*, é uma fotografia do poeta quando foi repórter da revista *Manchete*, ao desembarcar na ilha Rasa, Rio de Janeiro, em 1963.

poucos, percebemos que a conversa travada nas cartas – entre Lêdo e Domingos, entre Lêdo e o leitor – parece apontar muito mais para um projeto intelectual do que exclusivamente poético. Consciente da necessidade de uma visada contrastiva ao longo do tempo, da possibilidade de criar variações de leituras e versões de uma mesma história, em seu tempo e para além dele, Lêdo Ivo adverte Domingos:

Creio ser a primeira revista, entre nós dedicada única e exclusivamente aos problemas de poesia, e a coleção completa dela servirá um dia para a avaliação de muitas coisas – exame das presenças poéticas em 1948, discussão sobre problemas formais ou substanciais da poesia, apreciação do progresso ou decadência dos poetas jovens, mediante a avaliação dos poemas publicados nela, etc. É, como v. vê, um território da maior amplitude e tanto melhor em vista do sentido crítico que a anima. Estou entusiasmadíssimo. Acho, contudo, que não deve haver na revista essa malícia ou ataque direto que tolero e até louvo em revistas tipo “Orfeu” e “Joaquim”. Na minha opinião, estas podem esculhambar à vontade, pois são revistas de grupo, e mais que de grupo são literárias, enquanto a R.B.P não é literária – é de poesia, supondo uma dignidade que pertence visceralmente à poesia mas é indiferente à literatura. [...] Louvo o esforço e o trabalho de vocês, lamentando que no Rio, a comercialização literária, a indiferença e outros fatores tornem impossível a realização de um trabalho assim, de tanta disciplina beneficiada com tanta liberdade... (Ivo, 1948).

As diferenças entre *Orfeu* e a *Revista Brasileira de Poesia* não estão apenas na dedicação exclusiva da revista de São Paulo à poesia e à crítica de poesia (enquanto *Orfeu* publica, além da crítica, contos e poemas, por exemplo), mas podem ser imediatamente notadas no projeto gráfico um tanto mais leve da revista *Orfeu* se comparada à austeridade da *Revista Brasileira de Poesia*. Apesar das capas seguirem, em grande medida, certo padrão gráfico, vale lembrar que *Orfeu* vem acompanhada de ilustrações, imagens e reproduções fotográficas.

As afirmações de Lêdo Ivo nos levam ainda, e, mais uma vez, a T.S. Eliot, quando, em 1950, em carta para Karl Shapiro, na época editor da longa revista norte-

americana *Poetry*, observa os riscos assumidos pelas “little magazines”, ou revistas literárias, dedicadas especialmente à poesia⁶. Para Eliot, um dos riscos e, ao mesmo tempo, uma das características das *little magazines* seria a curta duração, uma vez que, recorrentemente, sua edição e circulação eram subitamente interrompidas. Somava-se a esse risco a tentativa de se tornar uma revista de porte maior e as potenciais mudanças de editores. Assim, segundo Eliot, a revista *Poetry*, então dirigida por Shapiro, tornava-se uma “instituição”, driblando os possíveis riscos e dificuldades. Todo esse movimento de “preservação”, e de defesa da revista como uma instituição, está presente, em alguma medida, na observação de Lêdo a Domingos acerca da necessidade de manter a *Revista Brasileira de Poesia* em algum lugar incólume às dissensões literárias. Isso explicaria, talvez, a austeridade nos recortes feitos na revista, especialmente na reprodução do depoimento de Lêdo Ivo mencionado anteriormente⁷.

Apesar de constatar a dificuldade de comercialização das revistas no Rio de Janeiro, bem como a baixa recepção de um trabalho de “tanta disciplina beneficiada em tanta liberdade”, Lêdo Ivo não deixa de expressar sua preocupação com o futuro legado poético, tampouco de reconhecer a importância da *Revista Brasileira de Poesia* para o

6 Em *Por que ainda lemos revistas de poesia? Apontamentos para o estudo da poesia brasileira em suas revistas*, Maria Lucia de Barros Camargo explica a terminologia segundo a tradição crítica norte-americana: “Revistas de poesia podem ser chamadas de ‘pequenas revistas’, para usar a tradução literal do termo consagrado na crítica norte-americana para designar as revistas literárias — *little magazine*. A expressão ‘pequenas revistas’ foi usada no título da tradução brasileira do ensaio de Lionel Trilling sobre a *Partisan Review*, ‘A função da pequena revista’. Trata-se de um artigo publicado originalmente em 1946, como introdução a uma antologia de textos da revista – *The Partisan Reader* – dedicado à comemoração dos 10 anos de existência da *Partisan Review* (1933-1944): uma ‘notável realização’, diz Trilling, a simples existência, por 10 anos, de uma revista dedicada à literatura, e que teria conquistado nesse período um público de 6.000 leitores. Para Trilling, se as revistas literárias – as pequenas revistas, *the little magazines*, essas ‘aventuras privadas e precárias’ – enfrentam dificuldades para manter os caminhos abertos e para manter vivos os novos talentos até que editores comerciais os publiquem, são exitosas em seu papel de resistência ao conformismo, ao populismo, às soluções facilitadoras”. Cf. CAMARGO, Maria Lucia de. Por que ainda lemos revistas de poesia? *Boletim de pesquisa Nelic*, Florianópolis, v. 13, n. 20, p. 5-14, 2013.

7 Ver PEREIRA, Carlos Speck; CANDIDO, Jeferson. Ausências e presenças na Revista Brasileira de Poesia (1947-1956). *Texto poético*, v.17, n. 34, p. 58-72, set./dez. 2021, sobre as escolhas e recortes deliberados que fizeram com que a *Revista Brasileira de Poesia* assumisse uma identidade efetivamente austera em torno da “Geração de 45” – embora *Orfeu*, talvez justamente pela flexibilidade, tenha se tornado, em alguma medida, mais conhecida.

estudo de poesia, atestando, assim, o lugar da revista como um espaço de acomodação da memória – ou seja, o próprio desejo pulsante e controverso do arquivo.

Os diferentes perfis das revistas aparecem mencionados por Domingos em 16 de junho de 1967, indicando, portanto, os dois grupos orientadores da poesia a partir de Rio de Janeiro e São Paulo (embora saibamos da ampla rede editorial armada com outros estados também: a já mencionada *Joaquim*, no Paraná, e *Edifício*, em Minas Gerais, para ficarmos com dois exemplos⁸). Percebe-se que a afirmação feita em 1948, e aqui já mencionada, a de que “nossa revista não tem grupo nem geração” já não procede. Diz Domingos, dezenove anos depois: “Mas já em 47 dois grupos sólidos se formavam: o de ‘Orfeu’, com o Loanda e você e o da R.B.P. – Isto já pertence porém à história” (Silva, 1967).

Para encerrar, talvez a última surpresa das cartas trocadas entre Lêdo e Domingos seja o efetivo entrelaçamento entre vida e poesia, por exemplo: o nascimento de um filho, a viagem de férias, a conversa pequena dos bastidores literários. Daí a dificuldade em asseverar a linha divisória entre aquilo que tomamos como vida literária e vida pessoal. As despedidas, muitas vezes, vêm dotadas de um tom mais informal e espontâneo: “Me escreva rapidamente, e mostre o que pode fazer seu dinamismo a serviço das boas causas” (1950); “Recomendações a todos (cabe a você separar o joio do trigo)” (1952); “Seu velho e fiel amigo, moído de saudades mas prestigiado pelo seu constante afeto” (1954). Entretanto, nas cartas de Lêdo e Domingos não há trocas de versos – Domingos não sugere títulos de livros ou recomendações de leituras a Lêdo Ivo, como João Cabral de Melo Neto, por exemplo, intimamente o faz⁹, ligados, talvez, e até certo ponto, pela “paisagem nordestina, com os seus mares e lagoas, seus coqueiros, etc.” – espaço pouco familiar a Domingos: “Você que em ‘Praia Oculta’¹⁰ fala várias vezes de ‘palma’, talvez o faça nostalgicamente, com saudades futuras de uma palma que contemplará algum dia” (Ivo, 1949).

A leitura em conjunto dessas linhas de vida, de poesia e políticas literárias expressam talvez a principal dimensão da conversa entre Lêdo e Domingos. Mais do que literária, poética e afetiva, como dito anteriormente, ela é intelectual. E,

8 Para um panorama da rede editorial armada entre os poetas, ver BASTOS, Laíse Ribas. Para Domingos: as cartas, os amigos, a literatura. *Boletim de Pesquisa Nelic*, v. 17, n. 27, p. 31-40, 2017.

9 Cf. Conjunto de cartas de João Cabral de Melo Neto para Lêdo Ivo, publicada em IVO, Lêdo. *E agora adeus*: correspondência para Lêdo Ivo. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2007.

10 Referência à *Praia oculta*, livro de Domingos Carvalho da Silva, publicado em 1949.

nessa dimensão, abrem-se também os modos de funcionamento de pequenos poderes – ou instâncias de micropoder, para usarmos a terminologia de Michel Foucault (2007, p. 75), quando diz que “cada luta se desenvolve em torno de um foco particular de poder”: a redação de um editorial; a encomenda de um poema; o pagamento das mensalidades do Clube de Poesia para Domingos Carvalho da Silva; e, principalmente, o espaço para o poema e para a reflexão sobre a própria poesia. O arquivo aberto por essas missivas nos coloca, assim, diante de um duplo desejo de memória: este trabalho e esta conversa também abertos aqui, provocados pela leitura de um outro arquivo – expressivo do paradoxo que move o trabalho intelectual de Lêdo Ivo. O gesto de escrita das cartas e a sutil impermanência diante da ideia de modernidade e do seu tempo, ou seja, de sua contemporaneidade, são alimentados, simultânea e ambigualmente, pelo desejo de materialização do arquivo (nomes, grupos, geração ou instituição). A paixão do arquivo também assegura a todos esses objetos e sujeitos uma possibilidade de futuro. Por isso essa escuta não se encerra aqui, permanece aberta, capaz de se refazer a cada conversa ou a cada palavra nova, ruído, som, percebidos nesse arquivo em permanente leitura.

“SEND ME LITERARY NEWS”: BETWEEN LETTERS, POETRY AND MAGAZINES, LÊDO WRITES TO DOMINGOS

ABSTRACT: This paper presents a reading of the correspondence exchanged between the poets and editors Lêdo Ivo and Domingos Carvalho da Silva during the 1940s and 1950s. For this research, the approach of Lêdo Ivo's letters to Domingos is crossed with statements by the poet and editor of *Orfeu* to the *Revista Brasileira de Poesia*, edited by Domingos Carvalho da Silva, as well as with aspects of Lêdo Ivo's own poetry. Thus, a possible poetic and editorial perspective defended by Lêdo Ivo is highlighted – a perspective that destabilizes, reveals paradoxes and highlights some assumptions of the so-called “generation of 45” in Brazil.

KEYWORDS: Poetry; Correspondence; Lêdo Ivo; Domingos Carvalho da Silva.

“ENVÍAME NOTÍCIAS LITERARIAS”: ENTRE CARTAS, POESÍA Y REVISTAS, LÊDO ESCRIBE PARA DOMINGOS

RESUMEN: Este artículo presenta una lectura de la correspondencia intercambiada entre los poetas y editores Lêdo Ivo y Domingos Carvalho da Silva durante las décadas de 1940 y 1950. Para la obra en cuestión, se cruza el abordaje de las cartas de Lêdo Ivo a Domingos con declaraciones del poeta y editor de *Orfeu* a la *Revista Brasileira de Poesia*, editada por Domingos Carvalho da Silva, así como con aspectos de la propia poesía de Lêdo Ivo. Esto pone de relieve una posible perspectiva poética y editorial defendida por Lêdo Ivo, una perspectiva que desestabiliza, revela paradojas y destaca algunos supuestos de la llamada “generación del 45” en Brasil.

PALABRAS-CLAVE: Poesia; Correspondencia; Lêdo Ivo; Domingos Carvalho da Silva.

REFERÊNCIAS

Boletim de Pesquisa NELIC v. 13, n. 20 - Poesia e(m) revista, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/issue/view/2002>

CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

ELIOT, T.S. A letter from Eliot. *Poetry*, Chicago, v. LXXVI, n. 2, p. 88, may 1950.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 23ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

IVO, Lêdo. [Correspondência]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 4 dez. 1947. Carta.

IVO, Lêdo. [Correspondência]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 2 set. 1948. Carta.

IVO, Lêdo. [Correspondência]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 11 jan. 1949. Carta.

IVO, Lêdo. [Correspondência]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 26 abr. 1950. Carta.

IVO, Lêdo. [Correspondência]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 7 abr. 1952. Carta.

IVO, Lêdo. [Correspondência]. Destinatário: Domingos Carvalho da Silva. 1 jun. 1954. Carta.

IVO, Lêdo. Investida. *Revista Orfeu*. Rio de Janeiro, n. 2, 1948.

IVO, Lêdo. *E agora adeus: correspondência para Lêdo Ivo*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2007.

IVO, Lêdo. *Poesia completa (1940-2004)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

JOAQUIM. Depoimento de Lêdo Ivo. *Joaquim: em homenagem a todos os Joaquins do Brasil*, Curitiba, n.12, p. 10, 1947.

NANCY, Jean-Luc. À escuta. Trad. Carlos Eduardo Schmidt Capela e Vinícius Nicastro Honesko. *Outra travessia*. Florianópolis, n.15, p. 159-172, 1º sem. 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2013n15p159/25525>

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Rima e métrica. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 76, dez. 1947. [Seção “Arquivo”. Excerto de depoimento Lêdo Ivo à revista *Joaquim*]

SILVA, Domingos Carvalho da. [Correspondência]. Destinatário: Lêdo Ivo. 16 jun. 1967. Carta.

Submetido em 30 de abril de 2025

Aprovado em 22 de julho de 2025

Publicado em 28 de setembro de 2025
